

Aprendendo a bater um escanteio: o futebol

Ana Paula Pacheco **GODOY**
Tony Shigueki **NAKATANI**¹

O Brasil, hoje pentacampeão mundial de futebol, não obteve êxito em sua própria casa na única ocasião em que sediou uma Copa do Mundo: o estádio do Maracanã se calou diante da vitória da seleção do Uruguai, e a culpa pela derrota recaiu durante muito tempo sobre Barbosa, goleiro da seleção brasileira naquele torneio².

A frase de abertura do filme, “[...] *no futebol todo mundo pode falhar, menos o goleiro. Eles são jogadores diferentes, porque passam a vida ali, sozinhos, esperando o pior*”, é expressiva por representar toda a situação que o protagonista viverá durante o desenvolvimento da obra. Ela serve como um “mote” para tratar de um período com o



qual a sociedade brasileira ainda não consegue lidar sem um certo desconforto: a ditadura militar.

O futebol é um elemento central no filme; é o fio condutor da história contada por Mauro. Diante da promessa do pai que afirma

voltar para ver a Copa do Mundo junto com ele, a trama vai desde o seu primeiro contato com os moradores do bairro do Bom Retiro em São Paulo, passando pelo início da Copa, para atingir seu ponto máximo com o Brasil sagrando-se campeão do mundo,

¹ Graduandos em Ciências Sociais pela FFC/Unesp, participantes do Grupo de Pesquisa em Cinema e Literatura.

² Para se ter uma noção do que significou a derrota na mentalidade das pessoas na época, basta dizer que houve um clima de oba-oba e comemorações antecipadas do título. E Nelson Rodrigues afirmou que a derrota na Copa foi a nossa Hiroshima, e que representava não só a derrota de uma nação, mas sim o fracasso do homem brasileiro.

ao mesmo tempo em que Mauro está prestes a se tornar um exilado junto com a sua mãe, tendo de conviver com o “eterno atraso” de seu pai. O filme nos conduz a um período tão complexo quanto paradoxal da historiografia brasileira: a economia crescia a taxas espantosas e, concomitantemente, enfrentávamos o período de recrudescimento do regime militar (o AI-5, fora decretado em 13 de dezembro de 1968). É nesse contexto que a seleção brasileira de futebol conquista em definitivo a taça Jules Rimet, na Copa do México em 1970, sendo o primeiro país do mundo a conquistar três vezes o torneio promovido pela FIFA³, num momento de grande euforia popular naqueles anos de chumbo.

Os mais fanáticos por futebol ainda podem notar uma semelhança da trajetória política e econômica do Brasil com a história do futebol. Ao analisarmos os contextos das Copas do Mundo verificamos que quando a economia parecia caminhar bem e o país não enfrentava crises políticas sérias o Brasil saía vitorioso do torneio. Porém, como afirmam os cientistas políticos João Daniel Lima de Almeida e Maurício Santoro, “não há tese ou relação causal que explique a conexão que serve de gancho para professores fazerem seus alunos memorizarem e entenderem um pouco da história da República. Recorrer ao futebol é estratégia pedagógica infalível.”⁴

Vejam: quando conquistamos a primeira estrela para o país, em 1958, o governo de Juscelino Kubitschek tinha como lema “cinquenta anos em cinco”. Brasília estava sendo construída e outros esportes também acumulavam vitórias. Em 1962 o Brasil vivia as reformas de base do governo João Goulart. No ano de 1970 vivíamos o chamado “milagre do crescimento econômico”, convivendo o melhor futebol do mundo com um governo de torturas. Na conquista do tetra, em 1994, Fernando Henrique Cardoso adota o real e acaba com a hiperinflação. E quando, em 2002, nos consagrávamos como os maiores campeões da história das Copas, o povo brasileiro, desiludido com os oito anos de governo FHC, se “encheu de esperança e venceu o medo”, elegendo, pela primeira vez em sua história, um operário para presidente da república. Já em 2006, o Brasil passou por uma séria crise política, será que não foi isso que tirou a nossa taça?

³ A Fédération Internationale de Football Association (do francês, *Federação Internacional de futebol*), ou FIFA, é a instituição internacional que dirige as associações de futebol. Filiada ao COI. Fundada em Paris em 21 de maio de 1904, com sede em Zurique, na Suíça.

⁴ In: Revista de História da Biblioteca Nacional, 2006. p. 39.

E o futebol parece mesmo ser um “mote” perfeito para tratar de nossos paradoxos, ele é razão de incontáveis discussões que atingem a todas as camadas sociais. Quaisquer que sejam os seus posicionamentos ideológicos, a temática é sempre defendida apaixonadamente – como fazem os verdadeiros torcedores num estádio em final de campeonato – seja por aqueles que amam ou pelos que odeiam o esporte mais popular do mundo.

Mas o que significa esse esporte bretão para nós que temos um presidente que gosta de jogar as suas “peladas” no fim de semana?

O futebol, no Brasil, é tão importante e abrangente que desafia classificações muito rígidas. Festa popular, escapismo, alienação, fator de integração social, celebração, veículo de ascensão social das classes populares, tema cômico, enredo melodramático. O que é o futebol para o brasileiro? Provavelmente tudo ao mesmo tempo [...] (ORICCHIO, 2006, p. 132).

É nesse meio de campo aparentemente todo bagunçado que joga o próprio filme, quando coloca Ítalo, intelectual e militante do movimento estudantil, como adorador e praticante de futebol. É justamente o personagem Ítalo que vem explicar o título do presente artigo, uma alusão à frase dita pelo escritor José Lins do Rego: “o problema é que o intelectual brasileiro não sabe bater um escanteio”. O filme joga um pouco contra essa visão negativa que ainda pode ser encontrada no meio intelectual hoje em dia, e coloca uma visão positiva do esporte – ainda que sem eliminar os seus aspectos alienantes –, e parece afirmar que o esporte se tornou um dado cultural do brasileiro, para o bem ou para o mal.

E criamos um futebol singular, talvez advindo de uma dita “canibalização” (no sentido modernista de antropofagia), como é proposta pelo antropólogo Roberto Da Matta. Por muito tempo este esporte no país foi visto como sendo um “futebol alegre”: basta o associarmos àquelas cenas magistrais criadas pelo Canal 100, em que a música *Na cadência do Samba* (“Que bonito é...”), de Luiz Bandeira, acompanha imagens de jogadas antológicas criadas pelos nossos jogadores, por meio de *close* e câmera lenta, dando a elas uma plasticidade maravilhosa. Não há como negar a beleza e a alegria de um futebol que encanta a multidão. Um “futebol de poesia”, como afirmara certa vez o cineasta e poeta italiano Pier Paolo Pasolini – em contraposição a um “futebol de prosa”

praticado pelos europeus⁵. Mais ainda, o intelectual inglês Eric Hobsbawn diz em seu



livro *A era dos extremos: Quem, tendo visto a seleção brasileira em seus dias de glória, negará a sua pretensão à condição de arte?*

No filme, o futebol aparece como elemento de sociabilidade e serve para abrigar culturas diferentes sob

um mesmo objetivo: torcer pela seleção brasileira na Copa do Mundo. Uma integração demonstrada nas cenas onde aparecem os judeus comemorando os gols do Brasil junto aos brasileiros e também naquelas em que se reúnem no campinho do bairro para uma partida de futebol, onde todos – brancos, negros, judeus, italianos, jovens e velhos – são iguais, e obedecem as mesmas regras do jogo. Esse aspecto de sociabilidade pode ser generalizado para o futebol enquanto um esporte mundial (como afirmamos anteriormente, o mais popular do mundo), uma vez que a FIFA possui 207 países associados, sendo uma instituição maior que a ONU, que conta com 192 países.

No Brasil, o futebol é um esporte com que o povo pode se identificar, porque é produzido por ele, e não para ele. É no entendimento de que ele é essencialmente popular que podemos compreender também o seu alto potencial de manipulação político-ideológica, como aconteceu em 1970.

Desse “futebol alegre”, “futebol arte”, de que a seleção de 1970 é o símbolo da “nossa” perfeição no que diz respeito à história do futebol (eleita a melhor seleção de todos os tempos, pelos ingleses, em 2005), destacam-se muitos jogadores. Sempre fomos conhecidos como fábrica de “craques” muito respeitados e valorizados no exterior. E esses jogadores representam a nossa nação no mesmo patamar que uma personalidade política, basta lembrar o jogo diplomático que a seleção fez no Haiti, em 2004.

⁵ Apud: ORICCHIO, L. Z. *Fome de bola: futebol e cinema no Brasil*. São Paulo: 2006. pp. 194-195. No entanto, não há uma questão de hierarquização aqui, como se ele afirmasse que o futebol brasileiro (e todo o futebol sul-americano) fosse superior ao europeu. Diz respeito somente ao modo de jogar dos europeus e dos sul-americanos.

Sua popularidade se dá por estar inserido na vida cultural da população, expressando suas vontades e desejos, principalmente das classes mais pobres. Muitas vezes, os jogadores de futebol são os autênticos heróis do povo. Ao mesmo tempo em que assumem um papel paradoxal, pois acabam se tornando símbolos de ascensão social e também de consumo, tornam-se garotos-propaganda de marcas para vender de tudo, inclusive cigarros, como Gérson, jogador da seleção na década de 1970. São modelos que incentivam os garotos pobres das periferias brasileiras a se arriscarem em inúmeros testes país afora, e mesmo no exterior, no anseio de “subir na vida”, já que através da educação isso parece não ser possível.

Talvez possa mesmo haver uma paixão e identificação muito forte com esses jogadores, um desejo imenso de ser como o seu herói e poder defender o time do coração. É o caso de Mauro, que decide ser goleiro depois de ver o namorado de Irene defender um pênalti e salvar o time dos judeus de sofrer um revés na partida do bairro.

Há no futebol uma dimensão democrática e, particularmente no Brasil, um aspecto de resistência cultural muito forte, contrariando veementemente a teoria da alienação. Para o antropólogo Roberto Da Matta, o futebol é a maior escola de democracia, pois no futebol não pode existir um time que ganhe sempre; ele nos ensina que a vitória não significa que somos o melhor e a derrota não significa que somos o pior. Contudo, para o torcedor, a derrota tem um sabor de frustração e morte, significação simbólica que remete a uma ritualização que o brasileiro faz do esporte bretão. É assim que entende Assumpção (1992) para explicar a matização do futebol no Brasil enquanto cultura.

Seja nos estádios ou no campo de várzea o torcedor provoca uma inversão social quando participa das partidas de futebol, dimensão simbólica que não pode ser negligenciada para o entendimento de sua importância. Essa inversão social significa que para o amante do futebol não há regras cotidianas válidas nos 90 minutos em que dura a partida, e qualquer convenção social é subvertida. Quem já teve a oportunidade de assistir a um jogo



perto de um “fanático” entende muito bem o que isso quer dizer: é de uma agressividade

espantosa, são xingos e berros para todos os lados. Ali não há distinção de classe social e não há mandantes ou mandados. Em uma partida prevalece o talento. Simbolicamente ele se afasta de sua realidade cotidiana, que muitas vezes é opressora e, ao se identificar com o símbolo de seu time, pode no dia seguinte se sentir “superior” a um chefe que torce para o time perdedor. No caso da seleção, podemos nos sentir superiores a uma nação economicamente mais rica do que nós, e como isso não seria significativo no campo de criação e afirmação de uma identidade?

A Copa de 1970 é muito significativa tanto política quanto nos aspectos propriamente do futebol. E pode haver aqui uma dimensão crítica do filme nesses dois campos.

Cerca de um ano após a decretação do AI-5, o governo buscava um instrumento popular que legitimasse suas ações e que coagisse a esquerda a atenuar os seus “ataques”. É nesse contexto que o futebol veio a servir como instrumentalização máxima do poder em que o Estado ditatorial impôs suas bases ideológicas, para legitimar suas atrocidades. A seleção foi tomada como símbolo de unidade nacional e de uma sociedade que se desenvolvia, que caminhava “pra frente”. Fica claro, então, o bordão “Brasil: ame-o ou deixe-o”.

Para o futebol brasileiro o ano de 1970 significou um divisor de águas. Para muitos boleiros o ápice de um futebol que encantou o mundo e que atingiu um nível de perfeição e união em campo insuperáveis, marcando o fim de um paradigma futebolístico.

A partir de então o futebol entraria em um outro nível, a internacionalização. Em 1994 e 2002 a base da seleção canarinho já não se encontrava mais em solo brasileiro, mas estava nos milionários clubes europeus. Já não torcemos mais para o Brasil? Que sentimento os atletas que vestem a camisa 10 que Pelé já usara um dia, ou a 7 de Garrincha, que significou para muitos a “Alegria do povo” - têm para com os torcedores que acompanham as partidas?

Ao se pensar essas duas questões postas, o político e o esportivo, a cena em que Mauro reencontra a mãe e as imagens dos jogadores da seleção brasileira comemorando o título sob um fundo musical melancólico atinge o ápice reflexivo e podemos perceber aqui uma noção de “*pathos*”, como proposto pelo cineasta russo Eisenstein na criação de uma emoção da qual ninguém consegue sair imune. A mensagem é clara: a alegria

proporcionada pelo título não atenuava em nada o terror que a ditadura impunha sobre as pessoas.

Contudo futebol no Brasil ainda guarda sua alegria, poesia e caráter integrador. Porque é um futebol que se joga nos terrenos baldios ou em várzeas, nos domingos, pela simples paixão ao esporte. E que escapa a ideologizações porque está ancorado sobre um aspecto da cultura popular que dribla a dominação e manipulação: a oralidade. O futebol se faz também nas conversas de bares: nas memórias de jogadas antológicas e jogadores memoráveis, verdadeiros craques que deixaram saudades e marcaram a vida de muita gente, nas conquistas do time do coração. Uma resistência cultural que não se dá de forma declarada, mas é um sentimento que ideologia nenhuma é capaz de suprimir daquele que o vivencia.

Bibliografia

ALMEIDA, João Daniel Lima de, & SANTORO, Maurício, A diplomacia dos gramados in Dossiê Paixão na ponta dos pés, *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 1, nº 7, janeiro 2006.

ASSUMPÇÃO, Luis Otávio T. *O jogo de futebol e a cultura “invertida”*. Brasília, 1992. (Dissertação de mestrado).

ORICCHIO, Luiz Zanin. *Fome de bola: cinema e futebol no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.